

ENTREVISTA // RICARDO PENNA

É preciso criar empregos na periferia

A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) foi encomendada pela Secretaria de Planejamento do Distrito Federal. Migração e crescimento populacional foram alguns dos pontos abordados pelo estudo que demorou seis meses para ser elaborado e entrevistou moradores de 21.132 domicílios das 26 regiões administrativas do Distrito Federal. O secretário de Planejamento, Ricardo Penna, recebeu o Correio um dia antes da divulgação oficial para detalhar o levantamento. O relatório final com aproximadamente 200 páginas será concluído em 15 dias.

CORREIO BRAZILIENSE — Qual é a importância da pesquisa?

RICARDO PENNA — O estudo tem por objetivo alimentar

o GDF no planejamento global e no desenho das políticas públicas urbanas. Os investimentos governamentais devem ser embasados em dados concretos.

CORREIO — O levantamento revelou alguma novidade? Quais os dados mais chamam a atenção?

PENNA — O envelhecimento populacional ficou bem caracterizado na pesquisa. A idade média do brasiliense aumentou. Isso é de fundamental importância para o governo, porque serve para orientar a aplicação da verba pública. Com base nesse dado, pode-se, por exemplo, diminuir a investimento no ensino fundamental e ampliar nos hospitais, principalmente nas geriatrias, no longo prazo.

CORREIO — A migração para o DF também foi abordada. Qual foi a conclusão sobre esse ponto?

PENNA — A mudança no pa-



drão migratório se destacou. Houve uma alteração no perfil migratório da capital federal. A região que tem o maior número de imigração é o Sudoeste, onde 21,2% da população chegou de outros estados a Brasília nos últimos cinco anos. Os enclaves de pobreza aparecem em segundo plano. O índice em Itapuã é de 16,5% e na Estrutural de 12,7%. É um equívoco a acusação de que os assentamentos incham o DF.

CORREIO — O que ocasionou essa alteração na migração para a

capital?

PENNA — A acomodação demográfica de Brasília começou a se vincular com as características de uma capital. O fluxo migratório mudou. As pessoas que chegaram aqui nos últimos cinco anos são, essencialmente, servidores que vieram trabalhar na administração pública federal. Pela primeira vez, a administração pública surge como um vetor importante na lógica da migração para o DF num estudo. A tendência é essa característica se consolidar nos próximos levantamentos. Isso explica a migração para lugares já consolidados, como o Plano Piloto e o Núcleo Bandeirante, onde há muito imóveis para aluguel.

CORREIO — Qual é a análise política e administrativa dessa nova realidade?

PENNA — A migração é um movimento natural. O problema é a pressão diária. Para se acabar com isso só há duas alternativas: a força ou a redução das desigualdades sociais. En-

quanto existir um abismo entre a renda do DF e a do Entorno, ou da Bahia, por exemplo, terá imigração para a capital.

CORREIO — Qual é a saída para esse problema?

PENNA — O governo pretende trabalhar em duas vertentes: criação de empregos na periferia do DF e desenvolvimento de políticas públicas em parceria com os estados de Goiás e Minas Gerais. Em algumas regiões do Entorno, 68% da população usa os serviços no DF. Por outro lado, 50% do emprego no DF está concentrado no Plano Piloto. Queremos reduzir esse índice para 30%, por meio do desenvolvimento socioeconômico das periferias. O processo está em andamento com os programas Pró-DF e Áreas de Desenvolvimento Sociais. Sem mencionar o desenvolvimento Brasília/Goiânia. (D.A.)